

da ocorrência de um “futurista” em sua pequena cidade, o poeta Heitor Alves.<sup>2</sup> Dois anos mais tarde, comunica seu espanto com as transformações havidas em seu irmão J. Menegale, até então autor de convencionalíssimos sonetos: “Meu irmão envia um poema sem ritmo, sem cesuras, sem pausas, uma poesia futurista, afinal! Ele está ficando hereje. Já mandei rezar missa por alma dele...”<sup>3</sup> A angústia da dúvida parece tê-lo acompanhado durante longos anos, até sua opção tardia; é o que se depreende da seguinte confissão: “Para responder à tua pergunta, digo-te que não sou parnasiano, não sou passadista nem futurista: em literatura nada sou. Sufoquei em mim toda a grande paixão pela arte”.<sup>4</sup>

Nem havia sufocado nem estava ainda preparado para um verdadeiro diálogo que caminhasse no sentido da atualização estética, como teria desejado Hildebrando, cujo principal interlocutor continuava sendo, por essa época, Aristides Monteiro. Este sim, um futuro e autêntico desertor. Em meados de 1923 vemo-lo, ainda, em companhia de Fernando Callage, discutindo estética e poesia com Cassiano Ricardo num café da rua 15 de Novembro, em São Paulo. “Cassiano leu-nos alguns versos que trazia numa pasta”, recordará mais tarde Aristides. “Notei que eram metrificados e de um sabor neo-parnasiano-simbolista”.<sup>5</sup> Teria sido a oportunidade para que o provinciano desencavasse também os seus, mas não o fez, nem jamais o faria. Tendo entrado para o Banco do Brasil em 1925, resolveu “deixar de ser literato para ser economista”, passando então a julgar inoportuna a edição de seus livros, que, de resto, lhe pareciam “extemporâneos”.<sup>6</sup> Apesar disso, nas seis décadas que se seguiram, dedicou-se compulsivamente a estudos históricos, heráldicos e genealógicos.<sup>7</sup>

Se a Rodrigues de Abreu o futuro reservou melhor sorte na memória historiográfica, não lhe deu, todavia, uma vida longa: morreu de problemas pulmonares em 1927, em Bauru. A afeição que lhe dedicaram, em vida, intelectuais como Menotti del Picchia, Amadeu Amaral, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Cleómenes Campos, era uma sinalização clara de que, apesar de afundado na província, doente, intuitivo e até inculto, a corte literária estava disposta a tratá-lo como a um igual. Coube a esses mesmos intelectuais, por duas vezes, organizar em São Paulo um festival de arte em sua homenagem. E quando, em 1924, se tratava de discutir o prêmio anual de poesia da Academia Brasileira de Letras, Amadeu Amaral chegou a demitir-se de todas as suas funções na casa apenas porque a comissão resolveu contemplar outro nome que não o de Rodrigues de Abreu. E o duro julgamento que, já próximo da morte, Abreu veio a receber de Oswald de Andrade (“um poeta sem importância”, disse Oswald), não foi em absoluto refe-

rendado por Mário de Andrade. Este lhe escreve após a leitura de *Casa Destelhada*: “...tive uma porrada de prazeres e duas vezes esse susto que a gente tem de tanta comoção quando a gente topa com uma obra-prima”.<sup>8</sup> Suas últimas cartas trocadas o foram justamente com Hildebrando, em quem via uma espécie precoce de mentor e confidente. “Você é um moço tão pleno de coração como de inteligência”, escreve-lhe um ano antes de morrer, em sua citada carta biográfica.<sup>9</sup> Entretanto nunca se viram frente a frente. No dia mesmo de sua morte, Hildebrando endereça-lhe uma cobrança afetuosa: “Meu caro Rodrigues de Abreu. Que diabo de silêncio é esse?” Era o silêncio do fim.

De modo diferente, a sorte troçou da província cafeeira concedendo uma vida longa a Apolônio Hilst e nenhuma chance de ele vir a produzir, na madurez, a obra que dele se esperava. Passada a turbulência futurista, esfriado o entusiasmo da campanha, ele continuou entretanto em sintonia com o movimento. Em 1928, vemo-lo encomendando a Raul Bopp uma coleção completa da *Revista de Antropofagia*, porque desejava manter-se ao corrente dos novos direcionamentos da renovação estética. Cinco anos mais tarde escrevia-lhe um certo Nóbrega da Siqueira lamentando sua decisão de continuar “completamente isolado quando poderia, em São Paulo, ocupar um lugar de destaque nas letras”.<sup>10</sup> Num de seus últimos textos, como a querer confirmar a “visão ampla das coisas” que lhe atribuíra Nóbrega nessa carta, Apolônio apostrofava que “a poesia modernista entre os seus postulados mais evidentes de renovação colocou a plena aceitação da vida”, uma “atitude básica da qual todas as outras eram o corolário, e só isto bastava para revolucionar toda a poética ou pelo menos era suficiente para fazê-la o contrário do que até então tinha sido”. Isto implicava reconhecer nos poetas à antiga características de “seres de pouca saúde”, cuja sensibilidade não era capaz de recolher “as ressonâncias do nosso século e cujos nervos não escoram a trepidação da hora presente”.<sup>11</sup> Buscava ele exorcizar, com essas palavras, suas próprias e graves perturbações originárias do *crack* econômico de 1929 e de um casamento infeliz? Tais seriam os vetores de sua tragédia daí por diante. Apolônio viveu 70 anos (morreu em 1966), metade dos quais deambulando por sanatórios do interior do estado. Jamais se recuperou. Desde a sua primeira internação, em 1934, nada mais produziu. E o que havia produzido até então não chegou a ser coligido em livro.

Com a morte de Abreu, a alienação de Apolônio e o silêncio de Aristides, só Hildebrando parecia na situação de vir a formular um projeto literário pessoal, modesto que fosse. Em junho de 1925, quando *A Onda* tirou seu último número,<sup>12</sup> ele poderia ter se